

7º CONGRESSO INTERNACIONAL DE CAPITAL DE RISCO~

VCIT

Discurso de Abertura – Dr. Francisco Banha

CEO da GESVENTURE

TAGUS PARK - OEIRAS, 8 de Maio de 2007

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras,

Exmos. Senhores Oradores convidados,

Demais Personalidades, minhas senhoras e meus senhores.

Quero, desde logo, manifestar à INOVCAPITAL, na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração, Dr. Luís Filipe Costa, a minha particular satisfação pela sua prestigante presença, e aproveitar para lhe apresentar publicamente os meus sinceros votos de sucesso na condução dos destinos da Nova Capital de Risco do Ministério da Economia e da Inovação.

Igualmente me regozijo com a presença da SOCIEDADE PORTUGUESA DE GARANTIA MÚTUA, na pessoa do seu CEO Dr. José Fernando Figueiredo, recordando as várias participações que tem tido nas iniciativas desenvolvidas pela Gesventure ao longo dos últimos anos.

Uma palavra também de muito apreço para a API CAPITAL, na pessoa do seu Administrador Dr. Jorge Costa, pelo constante apoio institucional concedido na realização dos Eventos promovidos pela Gesventure.

Saúdo, igualmente, a Câmara Municipal de Oeiras, na pessoa do seu Presidente Dr. Isaltino Morais, a quem agradeço o apoio logístico concedido à Gesventure ao

disponibilizar este magnífico Auditório para a realização do 7º VCIT, bem como por nos ter dado a honra de efectuar a abertura deste Evento.

Saúdo também a ABREU ADVOGADOS e a APCRI por mais uma vez terem feito questão de se associarem à Gesventure nesta iniciativa.

Gostaria, ainda, de manifestar uma palavra especial de agradecimento ao meu estimado amigo Ricardo Câmara e Sousa, pela sua inesgotável colaboração na mobilização dos mais distintos especialistas internacionais que, ano após ano, se têm disponibilizado para partilhar connosco os seus conhecimentos e práticas sobre os temas chave em debate.

Finalizo os meus agradecimentos dirigindo um cumprimento amigo a todos os Investidores, Promotores e demais interessados em acompanhar esta 7ª edição do VCIT, com todo o entusiasmo e atenção pelos temas que se inscrevem no seu horizonte.

A principiar esta 7ª Edição do Congresso de Capital de Risco, cumpre-me realçar o enorme prazer com que a Gesventure acolhe, mais uma vez, oradores oriundos de outros países dispostos a partilhar connosco o que de melhor se vai fazendo nas Indústrias de Capital de Risco mais evoluídas, não numa atitude arrogante e de preeminência, mas numa espécie de conselho capaz de, a partir de uma profunda experiência e de uma tradição venerável, iluminar os caminhos do futuro deste sector em Portugal.

E essa importante partilha começará a produzir efeitos já no primeiro painel desta manhã no âmbito do qual se abrirá espaço para a reflexão sobre as **Tendências de mercado nos Sectores da Energia, Capital de Risco e TMT.**

Relembro a propósito do sector da Energia, que somos um País fortemente dependente e ineficiente em matéria energética e que temos pela frente importantes desafios relacionados com os altos preços do petróleo, com a segurança dos abastecimentos, as alterações climáticas e as exigências do protocolo de Quioto.

Por outro lado a massificação da adopção da Internet está a trazer novas oportunidades, novos protagonistas e novos modelos de negócio que antecipam grandes operações por parte dos investidores de capital de risco como o comprova o facto de só no ano de 2006

o valor investido em empresas web 2.0 ter atingido o montante de 620 milhões de euros e que a taxa de crescimento média anual de investimentos nas citadas empresas web 2.0 atingir o valor de 63% no período compreendido entre 2001 e 2006.

Outro grande tema a merecer especial destaque, e que será tratado neste primeiro dia de Congresso, é o tema do **Empreendedorismo**. E, neste domínio, teremos o privilégio de poder contar com a inestimável – e já habitual - presença de Chris Curtis, para abordar a importância que o Ensino do Empreendedorismo assume em Portugal, sobretudo se considerarmos que o Empreendedorismo chegou tarde às nossas Escolas e agora é preciso acelerar o passo.

Efectivamente, no mundo em que vivemos é preciso que a Escola mais do que ensinar ensine a aprender. E, sobretudo, é decisivo aprender a empreender. Denote-se que as empresas de hoje valorizam quem seja capaz de empreender, desde os seus mais modestos colaboradores àqueles que as gerem e organizam.

E é principalmente nas Escolas Secundárias que melhor se preparam os jovens que irão formar o capital Conhecimento do amanhã. E se este ensino não se apresentar coadunado com os desafios impostos pelo Século XXI, o futuro destes jovens ficará seriamente comprometido.

É neste contexto que o ensino do Empreendedorismo assume particular relevância ao proporcionar aos nossos jovens uma melhor preparação para enfrentarem os desafios actuais e futuros, bem como para iniciarem a mudança através de inovação e responsabilidade, permitindo-lhes desenvolver as capacidades e atitudes necessárias para se ser produtivo, auto-motivado e com espírito empreendedor.

E neste domínio, a Gesventure tem vindo a prestar um empenhado contributo ao realizar inúmeras acções nas várias vertentes do Empreendedorismo social, tendo em vista a criação de um ambiente estimulante ao Empreendedorismo, que venha, a curto prazo, proporcionar eficiência empresarial às PME's portuguesas.

Sobre esta temática, Bill Gates veio recentemente pronunciar-se, publicamente, sobre as Escolas Secundárias da América, afirmando, a este propósito, que estas estão obsoletas, uma vez que não se encontram aptas a ensinar aos jovens americanos o que eles precisam de saber hoje.

Ora, se a América – enquanto paradigma das nações industrializadas – tem, porventura, as suas Escolas Secundárias obsoletas, o que se dirá a respeito das Escolas Secundárias portuguesas?

Assim, e se considerarmos que o ensino do Empreendedorismo inserido no contexto educacional existente ao nível das Escolas Secundárias - que abarcam actualmente um total de 337.446 alunos - produz o aumento do interesse na aprendizagem por parte dos alunos, aumenta a taxa de retenção e graduação para “alunos problemáticos”, estimula a vontade de ser um empreendedor, provoca um maior envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem e uma aplicação renovada dos próprios professores, facilmente se reconhecerá a importância da aplicação generalizada do Empreendedorismo ao nível das Escolas Secundárias.

Outro importante aspecto a referir ainda sobre a temática do Empreendedorismo, prende-se com a **Propriedade Intelectual** e que neste contexto do Empreendedorismo assume primordial interesse quando associada à necessidade dos Promotores protegerem e explorarem, em exclusivo, as suas Invenções, Modelos de utilidade ou Marcas. Para nos transmitir uma explicação esclarecedora sobre este tema, teremos o privilégio de ouvir o distinto especialista americano Harold Novick, com um percurso admirável pelas várias acções desenvolvidas no campo da Propriedade Intelectual.

Ao longo do segundo dia deste Congresso, iremos atribuir um enfoque muito especial à abordagem do tema relacionado com os **Business Angels**, considerando estarmos perante um modelo de investimento que começa agora em Portugal a ganhar “asas” para voar.

Prova disso, foi a realização, pela primeira vez em Portugal, do 7º Congresso Europeu de Business Angels, co-organizado pela Gesventure e pela INOVCAPITAL e que contou com o apoio institucional do IAPMEI e da Câmara Municipal de Cascais, o qual congregou no mesmo espaço mais de 320 participantes, oriundos de 28 países, dos quais cerca de 200 eram Business Angels.

Todavia, para que este modelo, que associa o Capital ao Conhecimento, venha, à semelhança daquilo que já é uma realidade indisfarçável na Europa, a crescer também em Portugal, há que considerar - e acima de tudo implementar - um leque considerável de boas razões para fazer com que o País possa abraçar este importante modelo de criação de riqueza para o sector empresarial.

Desde logo, impõe-se a existência de um quadro fiscal favorável. Espera-se que as medidas recentemente anunciadas pelo Sr. Secretário de Estado do Tesouro no âmbito das alterações a efectuar ao enquadramento legal e fiscal do capital de risco - que prevêem a criação da figura do "Business Angel" e a atribuição de benefícios fiscais - venham muito brevemente a ser cumpridas. Veja-se, a este propósito, que em Inglaterra, França e, obviamente, nos EUA, é conferida a possibilidade de abater à matéria colectável 20 a 25% do valor dos investimentos efectuados em empresas que se encontram nas fases iniciais.

A par desta realidade, é necessário que sejam criados mecanismos de apoio à dinamização regional dos clubes de Business Angels. Em França, o Governo francês criou um programa que permite aos clubes regionais ter uma verba de 100.000 euros, a aplicar em três anos, na realização de iniciativas em prol da actividade dos Business Angels.

Uma outra iniciativa, igualmente importante neste domínio, seria o Governo português apoiar a realização anual da "Semana Nacional dos Business Angels". Considerando mais uma vez a realidade francesa, refira-se que o Governo francês prestou um apoio financeiro à Federação Nacional de Associações de Business Angels francesa, no montante de

140.000 euros, para a realização, em Novembro de 2006, da primeira edição da "Semana Nacional dos Business Angels".

E em matéria de medidas a implementar, o diagnóstico está feito. O que nos resta agora esperar das várias entidades a actuar neste sector, cada um com a sua própria responsabilidade, é acção, mais acção.

E encerro esta pequena introdução à temática dos Business Angels, referindo-me a uma das ocasiões mais marcantes do ano de 2006, cujo percurso tem vindo a ser traçado por Associações de Business Angels representativas de todo o país, a da constituição da **FNABA - Federação Nacional das Associações de Business Angels**.

Estou plenamente convicto de que, através da Constituição da FNABA, estamos a fazer o que deve ser feito ao nível do fortalecimento e incentivo ao desenvolvimento da actividade dos Business Angels em Portugal. Perdoem-me o exagero por conta da necessidade de avivar as cores, no quadro que pinto, mas sei que os líderes das diversas Associações fundadoras da FNABA estão a depositar toda a sua paixão e compromisso neste importante movimento emergente de business angels que agora começa a vingar, e que conseguirão, através das respectivas associações que representam, lançar um novo olhar sobre as oportunidades que este tipo de investimento poderá traduzir em termos de criação de riqueza no País que é de todos nós.

É importante não esquecer que Portugal tem boas universidades, boas tecnologias, infra-estruturas, *deal flow*, e acima de tudo empreendedores capazes, pelo que teremos apenas que esperar algum tempo para que o trabalho já realizado até ao momento se converta em novas oportunidades.

Não me pouparei a esforços para valorizar esta rede de Business Angels representada pela FNABA, convicto de que, em conjunto, seremos capazes de construir algo que é muito maior que a soma das suas partes. Para tal, é necessário que continuemos a assumir esta nova atitude de iniciativa criadora e de um optimismo fundado na certeza de que os nossos problemas não são maiores do que a nossa vontade colectiva de os vencer.

Outro dos temas centrais do debate que irá ser discutido ao longo deste segundo dia de Congresso, diz respeito ao relacionamento entre Empreendedores e Business Angels, designadamente as condições que estes investidores, que embora designados “informais”, exigem como contrapartida à sua participação no Projecto empresarial para o qual decidem carrear capitais, conhecimentos e experiência.

Por sua vez, a abordagem dos mecanismos de financiamento como suporte às operações financiadas por Business Angels, ao abrigo da **plataforma FINICIA**, será outro tema que merecerá certamente uma abordagem bastante esclarecedora por parte do Dr. André Março, em representação do IAPMEI. Denote-se que o Programa FINICIA, através do estabelecimento de parcerias público-privadas, tem como objectivo facilitar o acesso ao financiamento pelas empresas de menor dimensão, que tradicionalmente apresentam maiores dificuldades na sua ligação ao mercado financeiro, assumindo o IAPMEI o risco das operações financeiras envolvidas.

A par disso, a abordagem da **Garantia Mútua** irá também ter o seu espaço neste Congresso para que se possa conhecer, mais em pormenor, este excelente suporte ao crescimento dos projectos empresariais nas fases iniciais do seu ciclo de vida. Para tal, o Dr. José Figueiredo, CEO da SPGM - Sociedade Portuguesa de Garantia Mútua, irá efectuar uma interessante apresentação sobre os principais aspectos relacionados com a obtenção de garantias que permitam, sobretudo às PME's, o acesso a empréstimos com prazos adequados aos ciclos de exploração das empresas e à realização dos investimentos necessários ao seu desenvolvimento.

Finalmente, não gostaria de encerrar esta breve apresentação dos temas que serão objecto de análise ao longo destes dois dias de Congresso – que se pressagiam frutuosos – sem me referir a um importante tema que diz respeito ao **Private Equity e Operações MBO**.

Consideramos tratar-se de um tema de vital importância, na medida em que o mercado português apresenta condições para, a breve trecho, concretizar operações de MBO.

Senão, atentemos aos seguintes factos:

Desde logo, o envelhecimento do tecido empresarial português constituído maioritariamente por empresas tipicamente familiares que possuem sinais evidentes de falta de capacidade para assegurarem a respectiva sucessão. Nesse sentido antevê-se que os fundadores, pelas mais variadas razões, tenham necessidade de vender as suas organizações, preferencialmente a quadros da empresa com capacidade em dar continuidade ao negócio, como reconhecimento pela sua dedicação, lealdade e profissionalismo.

A par disso, registre-se que alguns dos Grupos Económicos Portugueses e até de algumas das filiais das Multinacionais instaladas em Portugal, irão continuar a estar atentos a movimentos de aquisições de empresas que podem incluir activos ou empresas subsidiárias que não se desejam por não se enquadrarem no contexto do negócio fundamental.

Outra boa razão, reside no facto das empresas em processo de liquidação, quer por questões de desinvestimento estratégico quer por problemas de cariz jurídico-fiscal, serem cada vez mais frequentes no nosso país, o que faz pressupor processos de negociação restritos e em circuito interno, só possíveis de assumir por parte dos gestores que conhecem os “dossiers” e ao mesmo tempo o potencial da oportunidade de negócio que se encontra subjacente a esta oportunidade.

Além disso, as Sociedades de Capital de Risco, através dos seus gestores de participações, têm vindo a desenvolver capacidades operacionais de construção de negócios extremamente importantes na ajuda às empresas participadas no incremento dos seus índices de produtividade, através da adição aos projectos do “Capital Conhecimento”, resultante do “Saber Fazer”, das redes de contactos nacionais e internacionais e, principalmente, da credibilidade que proporcionam às Ideias.

Outro importante facto prende-se com a mudança de atitude por parte das instituições financeiras, que se revelam cada vez mais interessadas neste tipo de operações através da

concessão de taxas de juro atractivas aos Gestores que eventualmente pretendam alavancar financeiramente a Operação.

Por último, a maior liquidez do mercado de capitais, as alterações legislativas, especialmente em matéria de impostos sobre os rendimentos e a melhor preparação das equipas de “Management” são, decisivamente, factores determinantes que levarão à breve concretização deste tipo de operações.

A encerrar este Congresso, iremos proceder à habitual atribuição dos **PRÉMIOS GESVENTURE**, de forma a distinguir a excepcional conduta de 5 personalidades nos seguintes domínios:

1. Empreendedor do Ano;
2. Intrapreneur do Ano
3. Autarca Empreendedor
4. Inovação
5. Internacionalização

Para concluir, resta-me afirmar que o vento regenerador que sopra sobre o sector de Capital de Risco nacional, as alterações da legislação fiscal que estão em curso favoráveis à actuação dos Business Angels, a cooperação e reorganização dos vários players do sector, e acima de tudo a vontade de todos em continuar a melhorar as condições subjacentes a este instrumento de financiamento, deixa-me esperançosamente optimista.

Não tenho dúvidas de que os tempos são difíceis. Mas temos à nossa frente um importante caminho para o optimismo, que é o caminho da vontade, da coragem e do querer.

É este o caminho que tem de ser seguido, porque não há outro!

É, seguramente, esta a única via para combater a tendência crescente que se tem vindo a manifestar ao longo dos últimos anos para a extinção das PME's portuguesas. Sublinhe-se, a este propósito, que apenas **nos últimos 2 anos, Portugal ficou com menos 48,5 mil micro e pequenas empresas**, ou seja, trabalhadores por conta própria que dão emprego a terceiros.

Dos Promotores espera-se que consigam continuar a provar serem capazes de vencer a resignação e algum pessimismo que ainda espalha o sector de Capital de Risco nacional. Todavia, a determinação supera o pessimismo e a esperança é mais forte do que qualquer resignação, e é a forte ambição dos Promotores que conseguirá superar todos os desânimos que irão sentir até alcançar o tão almejado sucesso.

Aos Promotores presentes, apelo, pois, para que não se resignem aos desânimos e que agarrem as oportunidades com ambas as mãos.

Pela nossa parte, continuaremos, na Gesventure, a olhar para a frente, potenciando os pequenos passos do dia-a-dia. Continuaremos a celebrar cada novo degrau que se sobe com a consciência de que, ao fazê-lo, é a escada inteira que estamos subindo.

Em boa verdade, já temos alguma tradição no sector do capital de risco nacional como **construtores de futuro**.

E na qualidade - que muitos insistem em reconhecer-me - de **"evangelizador"** do Empreendedorismo e do Capital de Risco nacional, resta-me afirmar que a tradição de construir o futuro deste sector é, de todas elas, a que mais me agrada perpetuar.

E, portanto, será com alucinante rapidez que continuaremos afincadamente a caminhar, **enquanto for havendo asas - não só para os negócios inovadores - mas também para o nosso sonho!**

A todos, resta-me apresentar o meu mais profundo desejo de felicidades e formular os meus sentidos votos de que o Congresso atinja os objectivos almejados, meta que se me afigura de antemão alcançada, dada a notoriedade de tantos dos participantes e o entusiasmo revelado pela adesão suscitada a esta iniciativa.

Francisco Banha
Presidente da GESVENTURE

fbanha@gesbanha.pt

www.gesventure.pt